

ARTES
HARRY LAUS

ARTE E POP-ART

A inauguração do I Salão de Artistas Jovens, na última quinta-feira, no Museu de Arte Moderna, veio provar várias coisas. Primeiro: que a propaganda é a alma do negócio. Segundo: que as artes plásticas no Brasil, para maior desenvolvimento e repercussão, necessitam apenas de alguém que realmente as apóie. A ingênua afirmação de um dos diretores da promoção vem a favor do que dissemos acima: "valé a pena incentivar a cultura". Apesar da chuva e do calor da sala de exposição, o MAM conseguiu reunir um público tão numeroso como se tratasse de uma inauguração internacional. Mas há ainda um ponto que não deve ser esquecido, antes de fazermos qualquer comentário: a oportunidade oferecida à descoberta de talentos até então ignorados, ressaltada no discurso inaugural de Aluísio de Paula, diretor do Museu. É o caso, por exemplo, de Francisco Pereira Ferreira, de Pernambuco, aqui-nhoado com uma menção honrosa e completamente desconhecido, pelo menos do público carioca. Aliás, quem conhece Alberto d'Almeida Teixeira, o misteriosamente colocado em primeiro lugar? Por este lado, o Salão foi realmente da *jovem pintura*, tomando-se por *desconhecida* a palavra *jovem*.

Há dias, comentando a premiação, dissemos que o público iria confrontar nossa opinião com a do júri. Quem, em sã consciência, poderia vacilar entre Toyota e o português? Quem, em sã consciência, poderia vacilar entre o português e Sérgio Campos Melo? Mas é novamente válida a conhecida afirmação: o coração tem razões que a própria razão etc....

ISOLAMENTO PLÁSTICO

A exposição foi montada em duas salas: uma dedicada aos premiados e preferidos do júri e outra completamente segregada, numa sala de curso, destinada à *pop-art*, o que nem sempre é verdadeiro. Considerar Rubens Gerchman (cada vez melhor) e Régis Machado Silva como *pop* é qualquer coisa que depõe contra quem preparou a tal sala. Seja como for, o isolamento *pop* é um atestado de que nossos *jovens* artistas estão informados sobre o que ocorre no mundo e se preocupam em atualizar-se, em pesquisar para se afirmarem. No isolamento *pop* é preciso deter-se em Tomoshigue Kusuno, muito melhor realizado do que em sua individual feita na Goeldi; Antônio Dias — na linha do Salão Nacional, pior que em sua exposição da Relêvo — e Luís Canabrava — superior ao que levou ao Salão de Minas, em que pêsse a solução acadêmica nos meios-tons com que cobre uma camisa, por exemplo.

HUMILHADOS E OFENDIDOS

O catálogo da Esso inaugurou a inclusão dos recusados. Seria maldade nossa repetir os nomes que vêm alinhados. É bem verdade que procuramos alguns conhecidos, sem a menor possibilidade de *réussir*. Mas, entre os selecionados, não é difícil citar alguns nomes que foram também misteriosamente esquecidos pelo júri: Maria Polo, Wakabaiashi, Abrahan Palatinik (que utiliza a madeira em lâminas para a obtenção de um efeito que outros tentam fazer por imitação) e Sérgio Camargo — nosso escultor que venceu em Paris e foi completamente relegado pelo júri local. Sobre Camargo é preciso reconhecer, para o bem-estar do júri, que foi prejudicado pelas dimensões dos trabalhos remetidos. Naturalmente o valor do transporte não deve interferir nas decisões de quem julga — e parece que também não interferiu o *curriculum-vitae* dos expositores.

CHÁ E SIMPATIA

Os promotores do certame, segundo sugestão dos julgadores, decidiram adquirir as obras a quem concederam menção honrosa. Eis uma solução simpática e generosa que vem beneficiar valores autênticos como Raul Pôrto, Caciporé Tôrres e Carlos Tênius.



Sérgio Camargo